

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA  
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – BACHARELADO  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**FLAVIANA RAPOSO FURTADO  
GISLAYNE CRISTINA ROSA JORGINO**

**A INCLUSÃO DO DEFICIENTE VISUAL NA GINÁSTICA ARTÍSTICA**

**VOLTA REDONDA  
2020**

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA**  
**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA**  
**CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – BACHARELADO**  
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**A INCLUSÃO DO DEFICIENTE VISUAL NA GINÁSTICA ARTÍSTICA**

Artigo apresentado ao curso de Educação Física do UniFOA como requisito à obtenção do título de Graduação em Educação Física.

Alunas: Flaviana Raposo Furtado

Gislayne Cristina Rosa Jorgino

Prof<sup>a</sup>. Orientadora: Me. Thais Vinciprova  
Chiesse de Andrade Melo

Prof<sup>a</sup>. Coorientadora: Kelly Silva Teixeira

**VOLTA REDONDA**

**2020**

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Alunas: Flaviana Raposo Furtado

Gislayne Cristina Rosa Jorgino

A INCLUSÃO DO DEFICIENTE VISUAL NA GINÁSTICA ARTÍSTICA

Orientador: Thais Vinciprova Chiesse de Andrade Melo

Banca Examinadora:

---

Prof. Me. Thais Vinciprova Chiesse de Andrade Melo

---

Prof. Me. Erik Imil Viana Farani

---

Prof. Me. Sérgio Eduardo Santos de Moura

## RESUMO

A busca por reduzir as desigualdades na sociedade é um tema que ganha cada vez mais importância em pesquisas científicas já que se deve pensar em construir uma sociedade inclusiva. Desta forma, quando dizemos que a Ginástica Artística (GA) pode ser praticada por todos, logo pensamos na palavra inclusão. Contudo, são poucos os esportes e atividades físicas que possuem adaptações e profissionais qualificados para esse público, dificultando assim a participação do Deficiente Visual (DV), limitando suas atividades físicas, seu cotidiano e seu desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e social. Assim, a justificativa do presente estudo emerge duas questões centrais: primeiro, as lacunas existentes em relação à temática investigada devido ao baixo número de publicações a respeito e segundo a formação do profissional na área de Educação Física, se estão aptos/seguros para trabalhar com esse público. Diante do exposto, o objetivo desse estudo é investigar se GA pode ser aplicada para deficientes visuais (parciais e totais). Para tanto realizamos uma pesquisa bibliográfica, que utilizou artigos, encontrados em plataformas como: Google Acadêmico, Scientific Electronic Library Online (SciELO), livros, entre outros. O caminho metodológico foi realizado da seguinte maneira, apresentar um breve histórico da GA e suas possibilidades, em seguida, buscamos compreender o conceito de deficiente visual, suas variações e características, e posteriormente, discutir a inclusão por meio da GA propondo algumas intervenções nesse sentido. Dentre os inúmeros motivos que levam o estudo, pode-se mencionar que são poucas as publicações a respeito dos deficientes na prática de exercício físico, quando relacionados à GA, são de difícil acesso. O que ressalta a importância do estudo sobre o tema.

**Palavras Chaves:** Ginástica Artística; Deficiente Visual; Inclusão

## ABSTRACT

The quest to reduce inequalities in society is a topic that is becoming increasingly important in scientific research as we must think about building an inclusive society. Thus, when we say that Artistic Gymnastics (GA) can be practiced by everyone, we immediately think of the word inclusion. However, there are few sports and physical activities that have adaptations and qualified professionals for this audience, thus hindering the participation of the Visually Impaired (DV), limiting their physical activities, their daily lives and their motor, cognitive, affective and social development. Thus, the justification of the present study emerges two central questions: first, the existing gaps in relation to the theme investigated due to the low number of publications on this subject and according to the training of professionals in the area of Physical Education, whether they are able / safe to work that audience. Given the above, the objective of this study is to investigate whether GA can be applied to visually impaired (partial and total). To this end, we conducted a bibliographic search, which used articles, found on platforms such as: Google Scholar, Scientific Electronic Library Online (SciELO), books, among others. The methodological path was carried out as follows, presenting a brief history of GA and its possibilities, then, we seek to understand the concept of visually impaired, its variations and characteristics, and later, discuss inclusion through GA proposing some interventions in this sense. Among the countless reasons that lead the study, it can be mentioned that there are few publications about the disabled in the practice of physical exercise, when related to GA, almost null. Which highlights the importance of studying the topic.

**Key words:** Artistic Gymnastics; Visually Impaired; Inclusion

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>2. A HISTÓRIA DA GINÁSTICA E SUAS POSSIBILIDADES</b> .....	9
<b>3. DEFICIÊNCIA VISUAL</b> .....	12
<b>4 INCLUSÃO</b> .....	14
4.1 Proposta de atividades com adaptações da Ginastica Artística para o Deficiente Visual .....	16
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	25
<b>5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	27

## 1. INTRODUÇÃO

A Ginástica Artística (GA) é conhecida como um esporte olímpico, de alta complexidade, com regras específicas, que exige muito treinamento e é destinado a um perfil específico de pessoas (NUNOMURA, 2009). Sua popularidade vem aumentando devido aos campeonatos exibidos pela mídia, especialmente pela televisão e seus bons resultados em competições, chegando à conquista de medalhas Olímpicas. Por exibir um esporte espetáculo, conseqüentemente, o conceito da modalidade é o mencionado acima. No entanto, diferentes autores mostram que a GA vai além do esporte de alto rendimento, contendo diferentes possibilidades de aplicação (SAWASATO; CASTRO, 2006, GAIO, 2010; OLIVEIRA; NUNOMURA, 2012; ANDRADE, 2016).

Nessa perspectiva, as possibilidades de intervenção da GA aumentam e ela passa a ser algo acessível a todos. O que muda é o foco de cada indivíduo ao procurar a modalidade, podendo ser a busca pela prática de uma atividade física, o prazer em executar movimentos diferentes dos realizados no dia a dia, a preparação física forte, o esporte em si, entre outras (SAWASATO; CASTRO, 2006; ANDRADE, 2016).

Quando dizemos que a GA pode ser praticada por todos, logo pensamos na palavra “inclusão”. A inclusão social vem sendo um dos maiores desafios no mundo, a busca por reduzir as desigualdades na sociedade é um tema que ganha cada vez mais importância em pesquisas científicas já que se deve pensar em construir uma sociedade inclusiva, o que representa a igualdade entre dos mais diversos indivíduos que fazem parte de um determinado meio. Desta forma, a inclusão permite que todas as pessoas possuam o direito de participar das inúmeras áreas e grupos que fazem parte da sociedade, sem sofrer qualquer tipo de preconceito (PINTOR, 2017).

Para Pintor (2017) a educação inclusiva é aquela que rebate a discriminação e o preconceito contra o aluno com deficiência e defende o ensino em um mesmo ambiente, junto com os demais alunos sem deficiência, seja ele no ambiente de ensino formal ou informal.

Existem diversos tipos de deficiência e esse estudo tem como foco a Deficiência Visual (DV) que ocorre pela perda total ou parcial da visão. A expressão

'deficiência visual' se refere ao espectro que vai da cegueira até a visão subnormal (Pintor, 2017).

São poucos os esportes e atividades físicas que possuem adaptações e profissionais qualificados para esse público, dificultando assim a participação do DV, limitando suas atividades físicas, seu cotidiano e seu desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e social. Segundo Castro (2005) a GA pode ser praticada por esses indivíduos, desde a preparação física, o lazer e a reabilitação. Desse modo, abrimos uma porta para a prática de GA para os Deficientes Visuais.

Assim, a justificativa do presente estudo emerge duas questões centrais: Primeiro, as lacunas existentes em relação à temática investigada devido ao baixo número de publicações a respeito e segundo a formação do profissional na área de Educação Física, se estão seguros para trabalhar com esse público, o que ressalta a importância do estudo sobre o tema, não apenas por parte dos profissionais, mas também da sociedade que, na maioria das vezes, não está preparada para trabalhar com os deficientes.

A partir dos apontamentos, o projeto pretende responder duas questões norteadoras: É possível aplicar a GA para o DV? Como será a adaptação para a aula?

Diante do exposto, o objetivo geral é investigar se GA pode ser aplicada para deficientes visuais (parciais e totais). Para isso traçamos os seguintes objetivos específicos: Apresentar um breve histórico da GA e suas possibilidades; compreender o que é deficiente visual, suas variações e características; discutir a inclusão por meio da GA e propor algumas intervenções nesse sentido.

A metodologia do estudo foi realizada por meio de uma pesquisa bibliográfica, optamos pela revisão de narrativa considerando o contexto da pesquisa, que utilizou artigos, encontradas nas plataformas como: Google Acadêmico, Scientific Electronic Library Online (SciELO), livros, entre outros. Para a busca utilizamos os seguintes descritores: Ginástica Artística, Deficiente Visual e Inclusão.

Após a seleção do referencial teórico, foram realizados fichamentos dos artigos, divididos em três vertentes, seguindo os descritores mencionados e em seguida foram descartados os artigos que não contemplavam o tema do estudo. Devido ao baixo número de publicações relacionados a temática não delimitamos o período de



publicação. O caminho metodológico foi realizado em três etapas: Apresentar a GA suas histórias e suas possibilidades; explicar sobre o DV e suas definições (por meio de conceitos, variações e características); e discutir sobre a inclusão e algumas possibilidades da GA enquanto prática para os deficientes visuais.

Dentre os inúmeros motivos que levam o estudo, pode-se mencionar que são poucas as publicações a respeito dos deficientes na prática de exercício físico, quando relacionados à GA. O que ressalta a importância do estudo sobre o tema.

Além disso, acredita-se que o estudo colabora para os profissionais que pretendem e/ou desejam trabalhar com deficientes visuais, mostrando que é possível fazer adaptações e direcionar o trabalho de forma a torná-lo significativo ao praticante.

## **2. A HISTÓRIA DA GINÁSTICA E SUAS POSSIBILIDADES**

Historicamente, a atividade da ginástica surgiu ainda na Pré-História, porém, passou ser uma modalidade esportiva somente em 1881 nas escolas masculinas da Alemanha. A partir deste período, a ginástica artística passou a ser a mais antiga do esporte e devido a isso, é constantemente confundida com a ginástica tradicional.

No ano de 1896, a GA que até então praticada exclusivamente por homens, passou a ser esporte olímpico, e apenas em 1928 é que as mulheres passaram a participar de seus primeiros jogos. Em 1950, a GA passou a ser praticada nos aparelhos como se conhece hoje, contudo, mesmo sendo apresentado ao mundo como um esporte masculino nos anos anteriores, a GA passou a mais praticada pelas mulheres (NUNOMURA, 2005).

O conceito de GA se trata de um conjunto de exercícios corporais sistematizados, aplicados com fins competitivos, educativos, formativos, artísticos ou terapêuticos (MIRADOR, 1977), em que se conjugam a força, a agilidade, a elasticidade, assim como, a flexibilidade e coordenação motora.

Ainda hoje existe muita dúvida em relação se o termo correto é Ginástica Artística (GA) ou Ginástica Olímpica (GO), porém, ambos os termos tratam da mesma modalidade. Em 1985, o Professor Fernando Brochado, que era o presidente da Confederação Brasileira de Ginástica, realizou a mudança de GO para GA, pois, Ginástica Olímpica se trata das ginásticas disputadas nas Olimpíadas, contudo,

existem outras modalidades de ginásticas que também são parte dos jogos (Ginástica Rítmica e Ginástica de Trampolim). Portanto, trata-se da mesma ginástica, que antes era conhecida como olímpica. (NUNOMURA; NISTA-PICCOLO; EUNEGI, 2008)

A modalidade em si é dividida em duas: Ginástica Artística Masculina (GAM) e Ginástica Artística Feminina (GAF), e cada uma delas possui um código diferente elaborado pelos comitês (masculino e feminino) da Federação. Ambas são constituídas pelas mesmas regras e generalidades de cada competição. (DANTAS, 2018).

Os aparelhos da GAM são diferentes dos aparelhos disputados na GAF. Enquanto os homens disputam provas em seis aparelhos diferentes, as mulheres as disputam em quatro. Os ginastas realizam apresentações (séries), nos seguintes aparelhos:

**Quadro 1:** Divisão dos aparelhos entre masculinos e femininos

FEMININO	MASCULINO
Trave de equilíbrio, barras assimétricas, salto sobre a mesa e o solo.	Solo, Salto sobre a Mesa, Cavalo com alças, Barras paralelas, Barra fixa e argolas.

**Fonte:** Autoria própria.

Em comum, a GAM e GAF possuem as provas de solo e salto. Nos campeonatos oficiais, as competições são efetivadas em três categorias: equipes, individual geral, e individual por aparelhos.

Se pensarmos nessa configuração de Ginástica, trata-se da modalidade esportiva estabelecida oficialmente pela FIG, conhecida pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), cuja normatização é exposta no interior do Código de Pontuação (CP) e do Regulamento Técnico, elaborado pelos Comitês Técnicos (CT) Masculino e Feminino, eleitos pela própria FIG (BORTOLETO, 2000).

Brochado (2019) explica que a Ginástica se torna complexa para ser aplicada em qualquer lugar e por qualquer professor, decorrente a diversos fatores, entre os quais podemos destacar:

O número e a suposta complexidade dos movimentos a serem ensinados parece muito grande; As condições gasto com montagem e desmontagem de aparelhos é considerável; A condição física do aluno muitas vezes deixa a desejar; As experiências próprias do professor, às vezes insuficientes, outras vezes negativas, criam barreiras e fazem com que o profissional se sinta inseguro no trabalho com essa modalidade esportiva (BROCHADO, 2019 p. 21).

No entanto, para uma boa iniciação da GA, basta se apoiar-se em pequenos exercícios básicos, característicos desse esporte. Seguindo esses elementos básicos, é possível adquirir confiança e competência suficientes para, em seguida, desenvolver elementos mais complexos (BROCHADO, p. 21).

Em todos os níveis de prática da GA o corpo adota formas e posições variadas em diversos equipamentos, das quais os movimentos provocam as leis da física. A prática e o sucesso na GA promovem certo grau de “coragem e ousadia” (NUNOMURA, 2009).

Partindo para uma visão mais abrangente e que atende a todos os públicos, Sawasato e Castro (2010) identificam a que a GA pode ser entendida e dividida em dois grupos, como podemos ver na figura 1, a seguir:

**Quadro 2:** Divisão da Ginástica Artística conforme Sawasato e Castro (2010)

<b>GINÁSTICA ARTÍSTICA ATIVIDADE FÍSICA</b>	<b>GINÁSTICA ARTÍSTICA COMO ESPORTE</b>
- Formativa - Preparação Física - Alcance de Todos	- Iniciação Esportiva - Nível Intermediário - Alto Nível

**Fonte:** Autoria própria.

Essa divisão proposta pelas autoras nos fez perceber que outros objetivos podem ser almejados com a prática da modalidade, além do alto rendimento.

Teixeira e Andrade (2018, p. 51) complementam dizendo que a GA quando comparadas com outras modalidades esportivas como: futebol, voleibol, handebol, entre outros, é uma atividade que proporciona inúmeras contribuições para o desenvolvimento biopsicossocial e oferece possibilidades para todos.

Assim, o DV pode procurar a modalidade afim de atingir diferentes objetivos, podendo ser relacionados a formação, a preparação física, a prática regular de uma

atividade física e seus diversos benefícios e ao esporte em si em diferentes níveis, como a iniciação desportiva. Desta maneira, faz-se necessário compreender o conceito de DV e suas principais características e dificuldades.

### 3. DEFICIÊNCIA VISUAL

A Deficiência Visual ocorre pela perda total ou parcial da visão. Os diferentes graus de visão envolvem um grande meio de possibilidades, podendo ser a cegueira total, até a visão perfeita. A expressão 'deficiência visual' se dá pela cegueira até a visão subnormal, sendo está a baixa visão, como definido por diversos especialistas) à alteração da capacidade funcional decorrente de fatores como rebaixamento significativo da acuidade visual, redução importante do campo visual e da sensibilidade aos contrastes e limitação de outras capacidades (CRÓS, 2006).

De acordo com Muster e Almeida (2005), para que possa ocorrer um bom entendimento das classificações da deficiência visual faz-se necessário o entendimento das funções visuais, ocorrendo uma maior compreensão do funcionamento visual dos alunos que abrange: Acuidade Visual; Binocularidade - capacidade de composição da imagem derivada de ambos os olhos em convergência ideal, o que proporciona a noção de profundidade; Campo Visual - ocorre a partir da fixação do olhar, quando é determinada a área circundante visível ao mesmo tempo; Visão de Cores - capacidade para diferenciar os diferentes tons e nuances das cores; Sensibilidade à luz - capacidade de adaptação frente aos diferentes níveis de luminosidade do ambiente, e Sensibilidade ao contraste - habilidade para discernir pequenas diferenças na luminosidade de superfícies adjacentes.

A classificação esportiva é utilizada nas competições e está especificada da seguinte forma de acordo International Blind Sport Association (2005):

**Quadro 3:** Classificação Esportiva de acordo International Blind Sport Association

<b>CLASSIFICAÇÃO</b>	<b>O QUE É?</b>
<b>B1</b>	Ausência total da percepção da luz em ambos os olhos, ou alguma percepção da luz, mas com

	incapacidade para reconhecer a forma de uma mão em qualquer distância ou sentido;
<b>B2</b>	Da habilidade de reconhecer a forma de uma mão até uma acuidade visual de 2/60 metros e/ou um campo visual inferior a 5º de amplitude.

**Fonte:** International Blind Sport Association.2005, P.30.

A Lei 7.853 de 24 de outubro de 1989 ampara a acessibilidade às deficiências visuais, integração ao mercado de trabalho e educação adequada e adaptada:

Art. 1º Ficam estabelecidas normas gerais que asseguram o pleno exercício dos direitos individuais e sociais das pessoas portadoras de deficiências, e sua efetiva integração social, nos termos desta Lei (BRASIL, 1989).

§ 1º Na aplicação e interpretação desta Lei, serão considerados os valores básicos da igualdade de tratamento e oportunidade, da justiça social, do respeito à dignidade da pessoa humana, do bem-estar, e outros, indicados na Constituição ou justificados pelos princípios gerais de direito (BRASIL, 1989).

Segundo a lei 7.853 de 24 de outubro de 1989 os deficientes têm o direito de esta igualmente incluídos na sociedade visando sempre a sua saúde. Essa lei tem como finalidade garantir às pessoas portadoras de deficiência as ações governamentais necessárias ao seu cumprimento e das demais disposições constitucionais e legais que lhes concernem. E a mesma busca rejeita qualquer forma de preconceito aos deficientes.

Art. 2º Ao Poder Público e seus órgãos cabe assegurar às pessoas portadoras de deficiência o pleno exercício de seus direitos básicos, inclusive dos direitos à educação, à saúde, ao trabalho, ao lazer, à previdência social, ao amparo à infância e à maternidade, e de outros que, decorrentes da Constituição e das leis, propiciem seu bem-estar pessoal, social e econômico (BRASIL, 1989).

Embora exista a lei, sabemos que a realidade ainda está muito aquém do ideal. Encontramos muitos locais sem as adaptações exigidas.

As pessoas com deficiências que são comumente discriminadas e sofrem preconceitos pela sociedade, assim passam a ser desmotivados, encontram nas paraolimpíadas uma forma de aumentar sua autoestima, de forma direta ou indireta, além de poder provar para todos ao seu redor o seu grande valor, seja como atleta e/ou cidadão. Desde a 16º Olimpíada, que foi realizada em Roma no ano de

1960, nas mesmas instalações são constantemente realizadas as Paraolimpíadas ou os Jogos Paraolímpicos. Em Roma, a 1ª Paraolimpíada contou com a participação de 400 atletas e 23 delegações (CARPENTER, 2004).

Carpenter (2004), relata que o esporte adaptado para deficientes físicos teve início oficialmente após a Segunda Guerra Mundial, pois, muitos soldados voltavam para casa mutilados. As primeiras competições aconteceram nos Estados Unidos e Inglaterra. O esporte voltado para o deficiente teve início no Brasil em 1958, por meio do paraplégico Robson Almeida Sampaio, que fundou na cidade do Rio de Janeiro, o Clube do Otimismo e no ano de 1975 foi fundada a Associação Nacional de Desporto para Excepcional (ANDE), que incluía todo tipo de deficiência. Com o crescimento de atletas com diversas deficiências, as entidades foram se tornando mais específicas, para poderem atender a todos. Nasceu assim, a Associação Brasileira de Desportos para Cegos (ABDC).

Sendo assim já existem algumas modalidades criadas para os indivíduos com deficiência, como o atletismo que é o esporte mais popular das Paraolimpíadas e por isso, envolve o maior número de atletas e eventos. Homens e mulheres com paralisia cerebral, lesões na coluna, amputações e outras deficiências físicas, e deficiência visual parcial ou total, participam das mais diferentes provas de atletismo. O atletismo se divide em cinco grandes grupos: corrida, saltos, lançamento, arremesso e pentatlo. Os atletas competem em cadeiras de rodas, usando próteses ou com a ajuda de guias, para o caso dos deficientes visuais. (CARPENTER, 2004, p.10).

#### 4 INCLUSÃO

Antes de falar da inclusão, acreditamos ser pertinente diferenciar alguns conceitos fundamentais, tais como: compreender o que é exclusão, segregação, integração e inclusão. De acordo com (SILVA, 2009).

**Quadro 4:** Conceitos Fundamentais

<b>Exclusão social</b>	Caracteriza-se de exclusão ou afastamento dos grupos da sociedade em geral;
------------------------	---

<b>Segregação</b>	Refere-se à exclusão ou bullying de determinadas pessoas ou grupos sociais como fatores econômicos, culturais, deficiências e até raciais na sociedade.
<b>Integração</b>	Consiste na inclusão e de participação de todos os indivíduos na sociedade;
<b>Inclusão</b>	Oferece meios de acesso a todos os bens e serviços que fazem parte da sociedade.

**Fonte:** Autoria própria.

A inclusão social tem sido um dos maiores desafios do mundo, o que gera inúmeras consequências multidisciplinares. A busca pela redução das desigualdades em nossa sociedade vem alcançando cada vez mais importância nas pesquisas científicas já que devemos trabalhar em construir uma sociedade inclusiva e que busque cada dia mais a inclusão dos grupos (SILVA, 2009).

Tendo um conceito de inclusão Social conforme citado no quadro 4, onde a inclusão representa um ato de igualdade entre os diferentes indivíduos que habitam determinada sociedade, esta ação permite que todo e qualquer indivíduo possui o direito de fazer parte das diversas extensões de seu ambiente, sem sofrer discriminação ou preconceito (SILVA, 2009).

A inclusão dos DV na sociedade é de extrema importância para melhorar o desenvolvimento socioemocional e o psicológico desses indivíduos. Obter acesso a toda e qualquer atividade gera o desenvolvimento pessoal do DV e trata-se de um meio importante para aumentar os relacionamentos interpessoais, este método compõe dentro da sociedade um ambiente inclusivo, o que contribui para que as pessoas desenvolvam valores de respeito ao próximo e suas diferenças (CASTRO, 2005).

#### 4.1 Proposta de atividades com adaptações da Ginástica Artística para o Deficiente Visual.

Acreditamos ser interessante iniciar o trabalho ensinando as posturas básicas apresentadas por Carlos Eustáquio (1986). Segundo o autor as posturas básicas da GA são as principais posições que o corpo toma durante a realização dos movimentos gímnicos. A partir com conhecimento dessas posturas, o aluno será capaz de compreender as possibilidades de trabalho corporal durante a prática da modalidade, além disso conseguirá identificar os movimentos ensinados a seguir e também facilitará o trabalho do professor, pois por meio do aprendizado das posturas, o mesmo consegue corrigir seus alunos, utilizando os termos. Por exemplo: “você está selando!”, “Você precisa estender as pernas”, e assim por diante.

O quadro 05 é referente as posturas básicas apresentadas por Carlos Eustáquio dos Santos (1986), a seguir as ilustrações das mesmas.

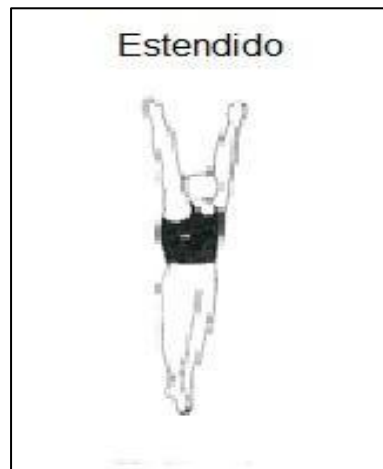
**Quadro 5:** Posturas Básicas:

<b>Estendido</b>	Quando o tronco, braços e pernas unidas eles estão totalmente estendidos.
<b>Grupado</b>	Quando as pernas estão flexionadas com o joelho próximo ao tórax.
<b>Carpado</b>	Quando as pernas estão estendidas e unidas com o tronco fletido sobre elas ou vise e versa.
<b>Afastado</b>	Quando as pernas estão estendidas e afastadas com o tronco flexionado entre elas ou com o tronco ereto e braços elevados.
<b>Selado</b>	Que é a hiperextensão da coluna vertebral normalmente essa não é uma postura correta.

**Fonte:** Autoria própria.



**Figura 1:** Ilustrações das Posturas Básicas:



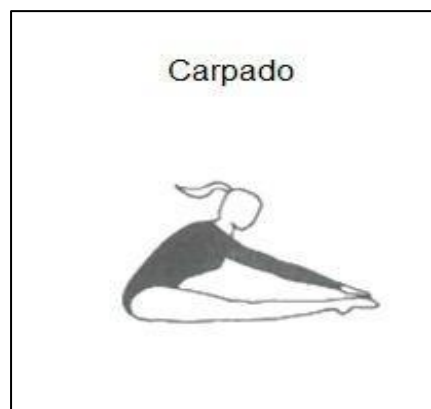
**Fonte:** Santos (1985).

**Figura 2:** Ilustrações das Posturas Básicas:

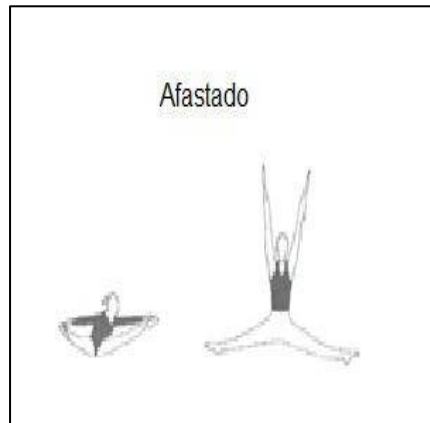


**Fonte:** Santos (1985).

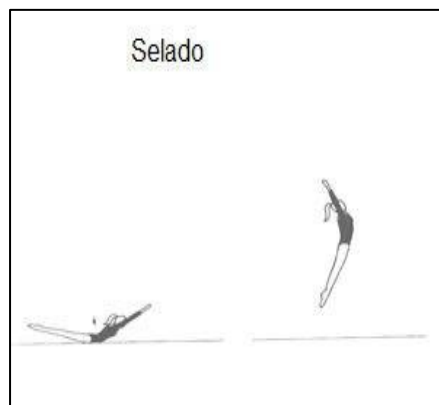
**Figura 3:** Ilustrações das Posturas Básicas:



**Fonte:** Santos (1985).

**Figura 4:** Ilustrações das Posturas Básicas:

**Fonte:** Santos (1985).

**Figura 5:** Ilustrações das Posturas Básicas:

**Fonte:** Santos (1985)

Para uma melhor fixação das posturas, o professor além de ter uma boa explicação verbal, deverá auxiliar seu aluno DV por meio do contato físico. Instruindo o mesmo a realizar as posturas e identificar seus nomes. Após isso, pode fazer atividades lúdicas, que segundo Kiya (2014) o lúdico significa brincar, incluindo os jogos, brinquedos e divertimentos, sendo também, que brinca e que se diverte. É tudo que se ensina e se aprende, se divertindo através de jogos brincadeiras, dinâmicas. Ele está em todas as atividades que despertam o prazer. Sendo assim as atividades lúdicas são instrumentos de motivação para a criança: ela constrói o conhecimento e exercita suas habilidades de forma descontraída, desenvolvendo sua motricidade, seu raciocínio e sua criatividade (MALUF, 2011).

Krindges (2015, p.29) destaca que:

A ginástica artística é uma modalidade esportiva cujos movimentos diversificados, quando aplicados lúdicamente, trazem benefícios tanto nas questões motoras, quanto nos aspectos de motivação e autoestima. Ao se trabalhar essa modalidade, sem exigência de resultados, pode-se proporcionar uma atividade diferenciada para as aulas, mesmo quando se trata de alunos com alguma deficiência. Desvinculando a palavra deficiência de palavras como incapacidade e associando à palavra possibilidade surge uma proposta inclusiva de ginástica artística dentro de uma Educação Especial (KRINDGES, 2015, p.29).

Consistem em atividades como por exemplo: no uso da cama elástica os alunos cadeirantes eram colocados sentados ou então apoiados na professora de Educação Física. Após esse momento, outro auxiliar das aulas saltava na cama para que o aluno passasse pela sensação do movimento de subir e descer (IDEM, 2020). Um exemplo é “morto-vivo” adaptado. Ao invés de falar morto e vivo, o professor diz as posturas básicas e seus alunos devem realizá-las, quem errar é eliminado da brincadeira. É possível ainda, pedir para que todos fechem os olhos para executar a atividade, assim fica mais desafiadora e ao mesmo tempo, todos os alunos sentem a mesma sensação que o DV ao realizar a dinâmica. A GA exige que na fase inicial da aprendizagem a informação verbal seja intensificada, contudo, sem descurar outras formas essenciais como a cinestésica, no sentido de se obter uma representação geral do movimento; a combinação de várias informações potencializa esse efeito, portanto aumenta a densidade da informação emitida (ALEXIO; VIEIRA, 2012).

Após o aprendizado das posturas básicas, a execução dos movimentos para a prática da Ginástica Artística de solo, onde se tem a uma competição masculina e feminina para essa modalidade. Abaixo iremos colocar os exercícios de solo como: vela, aviões (frontal e de lado), esquadros (sentado, em L, com as pernas unidas, com as pernas afastadas e em V), espacates (lateral e frontal) e parada de três apoios, rolamentos para frente (grupado, afastado, carpado, rolamento peixe) e rolamento para trás (afastado, grupado, carpado) (SANTOS, 1985).

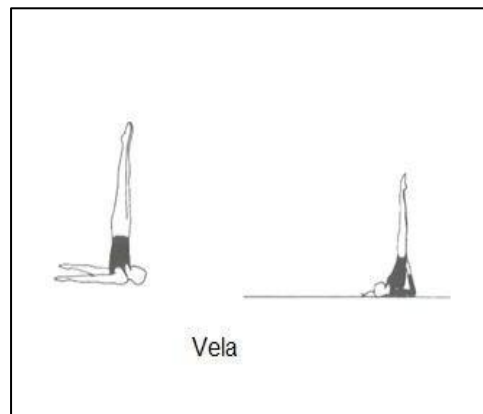
O quadro 06 é referente aos movimentos básicos apresentadas por Carlos Eustáquio dos Santos (1986), a seguir as ilustrações das mesmas.

**Quadro 6:** Descrição de Exercícios de Solo:

<b>Vela</b>	Em decúbito dorsal elevar as pernas e quadril, mantendo o corpo numa posição de equilíbrio invertido e ereto, apoiado apenas na nuca e nos braços, com as mãos no solo ou ajudando a manter o quadril elevado.
<b>Avião de frente</b>	Apoiados em um dos pés, elevar a outra perna estendida para trás abaixando o tronco simultaneamente até os ombros e a perna elevada chegarem, pelo o menos, à horizontal. Os braços deverão estar estendidos em situação ligeiramente oblíqua para cima em relação ao tronco.
<b>Avião de lado</b>	Apoiando um dos pés elevar a outra perna estendida lateralmente, inclinando ligeiramente o tronco para o lado contrário da perna elevada, formando o desenho de um ípsilon ( $\gamma$ ).
<b>Esquadro sentado</b>	Com apoio das mãos no solo atrás do corpo, tronco estendido, com as pernas também estendidas e elevadas.
<b>Esquadro em L (carpado)</b>	Apoiando as mãos no solo com os braços estendidos, elevando simultaneamente o quadril e as pernas estendidas mantendo um ângulo de $90^\circ$ com o tronco.
<b>Rolamento para frente grupado</b>	Partindo de a posição de pé com pernas unidas flexionáveis, apoiar as mãos no solo e, impulsionando o corpo com as pernas, rolar sobre as costas em posição grupada, finalizando sobre os pés, elevando-se à posição de pé.
<b>Rolamento para trás grupado</b>	Partindo da posição de pé, de costas para uma pilha de colchões, o executante deverá desequilibrar-se para trás, flexionando o troco para frente sem flexionar as pernas, apoiando as mãos no colchão, realizando um rolamento para trás grupado, finalizando de pé fora da pilha de colchões.

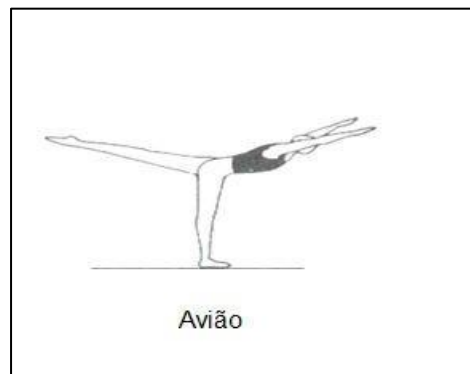
**Fonte:** Autoria própria.

**Figura 6:** Ilustrações dos Movimentos Básicos:



**Fonte:** Santos (1985).

**Figura 7:** Ilustrações dos Movimentos Básicos:



**Fonte:** Santos (1985).

**Figura 8:** Ilustrações dos Movimentos Básicos:



**Fonte:** Santos (1985).

**Figura 9:** Ilustrações dos Movimentos Básicos:



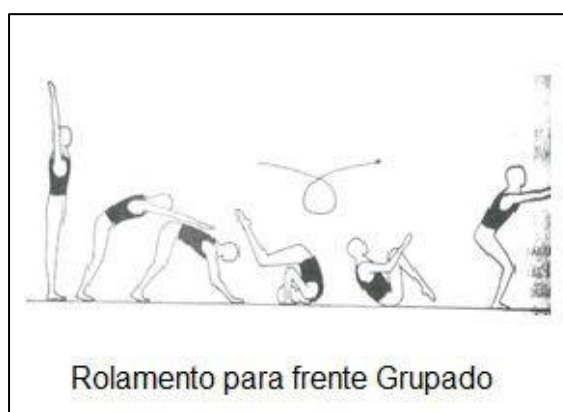
**Fonte:** Santos (1985).

**Figura 10:** Ilustrações dos Movimentos Básicos:



**Fonte:** Santos (1985).

**Figura 11:** Ilustrações dos Movimentos Básicos:



**Fonte:** Santos (1985).

**Figura 12:** Ilustrações dos Movimentos Básicos:



**Fonte:** Santos (1985).

Após apresentar algumas possibilidades de movimentos para o início da prática da GA e sabendo que a evolução dos mesmos ocorre junto com a evolução do seu aluno, ou seja, o professor irá buscar novos conhecimentos, progressões pedagógicas e educativos conforme seu aluno vai atingindo os exercícios ensinados. É pertinente mencionar a importância da instrução do professor para um bom processo de ensino aprendizagem, ao passar a informação para o aluno, o orientador deve englobar uma explicação, apresentar as tarefas de modo não verbal e fornecer um feedback pedagógico (FP) que orientará o aluno quando este vier a praticar o exercício. Griffey e Housner (1991) apud Aleixo e Vieira (2012), afirmam que a maneira em que se realiza essa instrução irá interferir na forma em que o praticante a interpreta e coloca em prática os movimentos.

O Feedback Pedagógico trata-se do comportamento e reação que o professor apresenta quanto o desenvolvimento do aluno ao realizar uma atividade, tendo como objetivo adquirir, desenvolver e modificar uma habilidade (FISHMAN; ANDERSON, 1971, FISHMAN; TOBEY, 1978, PIÉRON, 1986,) apud Aleixo e Vieira (2012). A realização do FP funciona da seguinte maneira: enquanto o aluno executa um movimento, ele receberá constantemente informações de seu professor sobre como o está executando e ao finalizá-lo recebe informações que permite o próprio aluno avaliar se conseguiu atingir o resultado esperado ou não.

Aleixo e Vieira (2012) relatam que o conteúdo de informação de um feedback é classificado em duas categorias: conhecimento da performance (CP) e conhecimento do resultado (CR). O CR ocorre quando a informação se trata do

resultado do movimento realizado pelo aluno em comparação ao resultado em que era esperado, o CP, se dá quando a informação é baseada na maneira em que foi executado o movimento. Dessa forma, quando se aplica o CR ou CP, é realizado para ajudar, reforçar ou focar um comportamento que pode e/ou deve ser melhorado;

O papel do professor não deve ser somente de passar um movimento ou informações, é de fornecer feedback de modo que possa auxiliar os alunos a perceber e agir, condições que são indispensáveis no processo de aprendizagem (Mesquita, 2009). De acordo com Cloes, Moreaux e Piéron (1990), conforme citado em Aleixo e Vieira (2012), realizaram estudos nos quais foram constatados que ao final de uma aula, em média 16 e 30 feedbacks eram lembrados pelos alunos, sendo que foram passados 83 durante o período de ensino. Os autores destacam sobre a importância de se repetir a informação de maneiras diferentes, recorrendo a estratégias diferentes para melhorar tal resultado. Desta mesma maneira, Rosado (2008), avaliou a instrução do professor em quarenta e dois atletas do ensino fundamental e médio e constatou que como os estudos de Cloes, Moreaux e Piéron, 40% dos feedbacks repassados não eram assimilados. O autor sugere que quanto mais longa a informação e feedback, menor a chance de esta ser retida.

Rosado (1995), sugere que a organização de feedback deve ser realizada de maneira que contenha algumas variáveis, como a quantidade de intervenções realizadas pelo professor, nível de especificação destas, o objetivo dessa intervenção, o momento, a forma, direção, relação e maneira de informar e distribuir tais informações.

Na GA, os movimentos são complexos, variados e proporcionam um conhecimento maior da consciência corporal, portanto, observar, refletir, analisar, corrigir, criar, sugerir, cooperar e respeitar o aluno são deveres que o educador deve priorizar ao estruturar a orientação pedagógica no processo de ensino e aprendizagem. Portanto, a competência dos professores deve arquitetar um processo de ensino e treino de maneira educativa, integrando o desenvolvimento pessoal, social e moral, além do desenvolvimento desportivo (ROSADO e MESQUITA, 2007).



#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a revisão bibliográfica realizada, observamos que a GA é uma modalidade que pode ser praticada por qualquer público, sendo ele DV ou não. A modalidade ultrapassa o conceito de esporte olímpico apresentado na televisão, passando a ser vista também como uma atividade física de base, formativa e educativa, com diferentes finalidades. Nessa perspectiva, pequenas adaptações podem ser realizadas ao pensarmos na GA para o DV. Sendo que os benefícios para ele vêm como fins terapêuticos onde conjugam força, agilidade, elasticidade, flexibilidade e coordenação motora.

Destacamos que a GA não é somente uma modalidade competitiva, podendo ser também recreativa. Dessa forma, atividades lúdicas podem ser incrementadas, trazendo suavidade e diversão aos praticantes, que no caso desse estudo são os deficientes visuais.

É incontestável que mesmo com a lei para o DV existe uma dificuldade para a inserção e inclusão desde na sociedade, basta andarmos pelas ruas para percebermos que as adaptações não estão por toda parte, restringindo a independência dos mesmos. No esporte não é diferente, quase não vemos projetos sociais para esse público e muitas vezes a falta de informações faz com que eles pensem que não podem procurar um local de treino convencional, por acharem que não seriam aceitos.

Existem algumas modalidades específicas para o DV, no caso da GA, base do nosso estudo, não encontramos um trabalho específico para esse público. Percebemos uma carência de publicações referentes ao tema e analisamos que o principal responsável para que a prática do DV na GA seja possível é o professor. Se ele estiver disposto a incluir esse público em suas aulas, com poucas adaptações o aluno irá conseguir praticar a modalidade e usufruir de todos os benefícios que ela oferece, tanto motores como afetivos e sociais.

Ainda seguindo o pensamento anterior, a principal preocupação do professor deve ser em relação a suas explicações orais, pois o DV não possui o estímulo visual, que também é muito utilizado no ensino aprendizagem da modalidade, assim o Feedback se torna essencial. Uma sugestão é tentar manter os aparelhos nos

mesmos lugares, para que os alunos possam ir criando uma familiarização ao ambiente e conseqüentemente uma independência e confiança. Atividades em dupla também são bem-vindas, fazendo com que o aluno DV tenha o auxílio de uma colega, o que ajudará não só no desenvolvimento dos exercícios, como em sua socialização, cabendo ressaltar que essa convivência trará benefícios não só para o DV como também para os demais praticantes, que terão valores como empatia e respeito as diferenças sendo vivenciados de forma prática.

Para que a inclusão do Deficiente visual seja de fato uma realidade dentro da Ginastica Artística, será necessário rever uma série de barreiras como preconceitos e falta de conhecimento tanto por parte dos professores da área como por parte de toda a sociedade. Para tal, é de suma importância a busca por conhecimento para a aplicação do ensino e principalmente a disseminação dos benefícios que a prática da GA oferece para o DV. Sendo assim cabe ao profissional de Educação Física ir em busca de conhecimento sobre o assunto abordado, já que não se tem uma prática tão comum entre o esporte.

Concluimos que o tema “A inclusão do Deficiente Visual na Ginástica Artística” é atual, necessário e relevante, pois precisamos de mais estudos nessa linha de pesquisa e de mais profissionais com vontade de agregar conhecimento para ele e para o aluno. Falar de inclusão é muito importante e acreditamos que com esse estudo, podemos encorajar profissionais a atender esse público tão desafiador e encantador. Não existe receita de bolo, é necessário empenho, dedicação, e força de vontade de todas as partes envolvidas.

## 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEIXO, I. M. S.; VIEIRA, M. M. Análise do Feedback na instrução do treinador no ensino da Ginástica Artística. **Motricidade**, v. 8, n. Supl. 2, p. 849-859, 2012. Acesso em: 05 de set. de 2020.
- ANDRADE, T. V. C. **Ensino da ginástica artística no cotidiano escolar: proposta de formação continuada para professores**. Volta Redonda: UniFOA, 2016. 79 p. Dissertação (Mestrado) – UniFOA / Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde e do Meio Ambiente, 2016. Acesso em: 05 de set. de 2020.
- ARAÚJO, P. F. **Desporto Adaptado no Brasil: origem, institucionalização e atualidades**. 1997. 140f. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997. Acesso em: 05 de set. de 2020.
- BARBANTI, V. J. **Dicionário de Educação Física e do Esporte**. Ed. Manole, 1994. Acesso em: 26 de jul. de 2020.
- BATISTA, J. C. F; GOIS, A. A; GAIO, R. (Org.) **A ginástica em questão: corpo e movimento**. 2.ed. São Paulo: Phorte, 2010. Acesso em: 28 de jul. de 2020.
- BORTOLETO, M. A. C. **O caráter objetivo e o subjetivo da ginastica artistica**. 2000. 103p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física, Campinas, SP. Acesso em: 28 de jul. de 2020.
- BRASIL. Decreto-lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989. **Dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência, sua integração social, sobre a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência** Brasília, 1989. Acesso em: 28 de jul. de 2020.
- BROCHADO, F. A; BROCHADO, M. M. V. **Fundamentos de ginástica artística e de trampolins - 2. ed. - [Reimpr.]**. - Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2019. Acesso em: 01 de ago. de 2020.
- CASTRO, E. M. **Atividade Física Adaptada**. Ribeirão Preto, SP: Tecmedd, 2005. Acesso em: 29 de jul. de 2020.
- CLOES, M., M., A; PIÉRION, M. **Students Retention of Teacher’s Feedback in Physical Education Sessions**. Comunicação apresentada no AIESEP World Convention, Moving Towards, Loughborough University, Inglaterra.1990. Acesso em: 01 de jul. de 2020.
- CRÓS, C. X. et al. Classificações da deficiência visual: compreendendo conceitos esportivos, educacionais, médicos e legais. **Revista Digital. Buenos Aires**, n. 93, 2006. Acesso em: 01 de jul. de 2020.
- DANTAS, C. R. et al. Gestão da Federação Cearense das Ginásticas—Um Estudo de Caso baseado no modelo SPLISS. **Revista de Gestão e Negócios do Esporte (RGNE). São Paulo**, v. 3, n. 1, p. 35-49, 2018. Acesso em: 04 de jul. de 2020.

DEPAUW, Karen P.; GAVRON, Susan J. **Disability sport**. Human Kinetics, 2005. Pag 30

FISHMAN, S., e ANDERSON, W. **Developing a system for describing teaching. Quest.** 1971. Acesso em: 20 de ago. de 2020.

GRIFFEY, D; HOUSNER, L. **Differences between experienced and inexperienced teacher's planning, decisions, interactions, student engagement and instructional climate.** Research Quarterly for Exercise and Sport. 1991. Acesso em: 20 de ago. de 2020.

JONES, C; DAVID HOWE, P. Os limites conceituais do esporte para pessoas com deficiência: Classificação e desempenho atlético. **Jornal da Filosofia do Esporte.** v. 32, n. 2, pág. 133-146, 2005. Acesso em: 28 de jul. de 2020.

KIYA, M. C. da S. O uso de Jogos e de atividades lúdicas como recurso pedagógico facilitador da aprendizagem. **Cadernos Programa de Desenvolvimento Educacional-PDE. Paraná,** v. 2, n. 1, p. 01-45, 2014. Acesso em: 28 de jul. de 2020.

KRINDGES, S; NATARIO, E. G. **Relato de experiência:** projeto de ginástica artística em uma escola de educação especial na baixada santista. In: Anais do Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre. Acesso em: 01 de ago. de 2020.

MALUF, A. C. M. **Atividades lúdicas para Educação Infantil: conceitos, orientações e práticas.** Editora Vozes Limitada, 2011. Acesso em: 01 de ago. de 2020.

MUNSTER, M. A. VAN; ALMEIDA, J. J. G. Atividade física e deficiência visual. In: GORGATTI, M. G.; COSTA, R. F. **Atividade física adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais.** São Paulo: Manole, 2005. Acesso em: 01 de ago. de 2020.

NAKASHIMA, F. S; MIRANDA, A. C. M. **Ginástica Escolar** – 22<sup>a</sup>. ed. Maringá - PR.:UniCesumar, 2017. Acesso em: 17 de ago. de 2020.

NUNOMURA, M.; PIRES, F.; CARRARA, P. **Análise do treinamento na ginástica artística brasileira.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v.31, n.1, p.25-40, 2009. Acesso em: 10 de ago. de 2020.

NUNOMURA, M; NISTA-PICCOLO, V. L.; EUNEGI, G. **Ginástica olímpica ou ginástica artística?** Qual a sua denominação? Revista Brasileira de Ciência e Movimento, v. 12, n. 4, p. 69-74, 2008. Acesso em: 10 de ago. de 2020.

NUNOMURA, M; NISTA-PICCOLO, V.L. **Compreendendo a ginástica artística.** São Paulo: Phorte, 2005. Acesso em: 15 de ago. de 2020.

OLIVEIRA, M; NUNOMURA, M. A produção histórica em ginástica e a constituição desse campo de conhecimento na atualidade. **Conexões,** v. 10, 2012. Acesso em: 18 de jun. de 2020.

PINTOR, N. A. M. **Educação inclusiva**. Rio de Janeiro: SESE, 2017. Acesso em: 10 de jun. 2020.

PLANALTO, **LEI Nº 7.853**, DE 24 DE OUTUBRO DE 1989. Disponível em<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L7853.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7853.htm)>. Acesso em 02 de set. de 2020.

Rosado, A. **Observação e Reação à Prestação Motora: Estudo da Competência de Diagnóstico e Prescrição Pedagógica em Tarefas Desportivas**. Tese de Doutorado, FMH-UTL, Lisboa, Portugal (1995). Acesso em: 03 de ago. de 2020.

ROSADO, A., e MESQUITA. **Sport and personal and social development**. In M. Coelho e Silva, C. Gonçalves (Eds.). Sport and Education. Coimbra: Imprensa Universitária. 2007. Acesso em: 03 de ago. de 2020.

SANTOS, J. C. E; FILHO, J. A. A. **Manual de Ginástica Olímpica (Ginástica Artística)** Rio de Janeiro: Sprint, 1985.

SAWASATO, Y. Y; CASTRO, M. F. de C. **A dinâmica da Ginástica Olímpica (G.O.)** Cap. 19 In: BATISTA, J. C.; GAIO, R.; GOIS, A. A. Ginástica em Questão. São Paulo: Phorte, 2010; (p. 381 - 409). Acesso em: 01 de ago. 2020.

SAWASATO, Y.Y.; CASTRO, M.F.C. A dinâmica da Ginástica Olímpica. In: GAIO, R.; BATISTA, J.C.A. **A ginástica em questão**. Ribeirão Preto: Tecmedd, 2006. Acesso em: 10 de jun. de 2020.

SILVA, M. O. E. da. Da exclusão à inclusão: concepções e práticas. **Revista lusófona de educação**, n. 13, p. 135-153, 2009. Acesso em: 01 de set. de 2020.

TEIXEIRA, K. S; ANDRADE, T. V. C. **As Ginásticas e as Dimensões do Conteúdo no Contexto Escolar**. Cap.15 In: PURIFICAÇÃO, M. M; PESSOA, M. T. R; CATARINO, E. M. Aspectos históricos, políticos e culturais da educação brasileira 1. Ponta Grossa, PR: Atena, 2020. p. 158 – 173. Acesso em: 01 de set. de 2020.